
As Televisualidades do Telejornalismo no Canal de Psicanálise Falando n'Isso¹

Maurício Pimentel Homem de BITTENCOURT²
Universidade Federal do Acre, Rio Branco, AC

RESUMO

As televisualidades presentes em diversas telas transpassam o sujeito contemporâneo em um fluxo de informações ininterrupto. A partir da compreensão do telejornalismo como uma das matrizes dessas televisualidades, propõe-se o conceito de *televisualidades do telejornalismo*: elementos de telejornalismo nas telas do fluxo contemporâneo de informações. Com a finalidade de verificar a relevância desse conceito, realiza-se uma pesquisa qualitativa do canal especializado em psicanálise *Falando n'Isso* (YouTube). O resultado indica a linha editorial sólida do canal e a objetividade da linguagem audiovisual como principais *televisualidades do telejornalismo* encontradas. Desta forma, conclui-se que o conceito em análise tem importância, especialmente no estudo de fluxos de conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: Televisualidades; Telejornalismo; Comunicação; Audiovisual; Educação.

Introdução

O atual contexto de formação do sujeito possui características incomuns em relação a qualquer outra fase histórica, tendo em vista que os indivíduos são expostos a uma quantidade inédita de informações, influências e relações sociais. Esse fluxo de informações transpassa o sujeito ininterruptamente, em razão da plena convergência midiática proporcionada pelos dispositivos tecnológicos móveis (smartphones). O fenômeno é estruturalmente diverso do ocorrido no surgimento da imprensa, do rádio ou da televisão, quando as mudanças aconteceram somente no suporte tecnológico. Agora, outras dimensões da interação com a tecnologia foram alteradas, estabelecendo uma nova dinâmica na relação do sujeito com o fluxo de informações. O diálogo entre os suportes midiáticos (texto, foto, áudio, vídeo); a portabilidade que disponibiliza um fluxo de informações ubíquo; a oportunidade de produzir e publicar material próprio instantaneamente nas redes sociais são apenas algumas das dimensões que diferenciam a presente dinâmica.

¹ Trabalho apresentado ao GP Estudos de Televisão e Televisualidades do XX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências (USP), Mestre em Ciências da Comunicação (USP), graduado em Jornalismo (USP), professor de telejornalismo do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre, graduando em Psicologia. E-mail: maubit1@gmail.com

Além do âmbito midiático, o dispositivo móvel manteve a abrangência sobre a área da comunicação interpessoal. O smartphone continua a fazer o papel que um dia esteve restrito às telecomunicações, ampliando-o, tornando possível o intercâmbio interpessoal de conteúdo de todas as mídias, somado a material produzido pelos usuários, em combinações imprevisíveis. Ressalta-se ainda o uso comercial, profissional e afetivo dos dispositivos, os quais permitem transações bancárias, compras, atividades profissionais e de aprendizado à distância, busca de parceiros para relacionamentos, ligações de áudio e vídeo. A relação do sujeito com o smartphone transcende o processo do tradicional objeto de pesquisa das Ciências da Comunicação: a emissão-recepção de informações midiáticas. O sujeito passou a produzir, editar, reeditar conteúdos gerados por meios de comunicação e redirecioná-los para outras pessoas, as quais também realizam o mesmo processo.

Desta forma, cada sujeito é transpassado por um fluxo único de informações, constituído por elementos gerados em ampla diversidade de fontes; um fluxo caótico no qual as informações chegam e são repassadas em grande velocidade. Cada sujeito passou a ter um perfil menos previsível do que há poucos anos, quando a maioria das pessoas recebia informação apenas de relações sociais diretas, da escola, de uma ou duas emissoras de TV. Ainda que o fluxo de informações obedeça a critérios cibernético-algorítmicos, há possibilidades infinitamente maiores de acesso desde a popularização de smartphones, redes sociais e aplicativos de comunicação interpessoal.

Conforme o sujeito acumula um conjunto de conhecimentos único e imprevisível, alguns conceitos e métodos de áreas das Ciências Humanas tornam-se imprecisos, pois funcionam a partir da estimativa da quantidade de conhecimentos de um grupo social. Entre essas áreas, citam-se as Ciências da Comunicação/Jornalismo e a Educação. Assim, tendo em vista os objetivos deste artigo, considera-se legítimo flexibilizar conceitos e refletir sobre as inserções desses conceitos nas teorias mais amplas, a fim de pesquisar vieses adequados para analisar o atual cenário de fluxos de informação. Trata-se de uma conjuntura que confere grande importância ao sujeito; um cenário de ampla diversidade filosófica e intelectual, extremamente dinâmico e veloz. Diante desse dinamismo, propõe-se a suspensão da discussão sobre o processo de emissão-recepção para centralizar a análise na perspectiva do sujeito, em termos do objeto de pesquisa “sujeito contemporâneo transpassado por um fluxo de informações ininterrupto, dinâmico, imprevisível e único”.

Jornalismo em linguagem audiovisual

A atividade de ensino de jornalismo leva a intensas reflexões teóricas, pois o docente-pesquisador acostuma-se a confrontar a teoria com a realidade do mercado de trabalho jornalístico. Há o compromisso de tornar o ensino relevante para o futuro jornalista, apesar das ementas de disciplinas que ainda dividem o conteúdo em impresso, rádio e TV. Diante disso, no início de cada semestre torna-se necessário questionar o que é jornalismo impresso, radiojornalismo e telejornalismo. A simples distinção nesses termos já revela o anacronismo? Como falar desses temas para jovens cada vez menos acostumados ao jornal de papel, ao telejornal e aos portais de notícias da internet? Utiliza-se essa indagação para ponderar sobre a possibilidade de flexibilização teórica da área de telejornalismo.

O conteúdo de telejornalismo tradicional das emissoras de TV é mais uma das fontes do fluxo de informações que transpassa os sujeitos. Não faltam indícios da adaptação das grandes empresas de mídia a essa realidade. Telejornais tradicionais publicam vídeos amadores em busca de legitimidade e aproximação com o público; sítios de emissoras de TV disponibilizam vídeos de reportagens; jornalistas profissionais investem boa parte do tempo no manejo de comentários de redes sociais; qualquer meio de comunicação adaptou-se para facilitar o compartilhamento de fragmentos por meio de links: textos, vídeos, VTs, podcasts etc. Em outro viés de análise, o sucesso das *fake news* como fenômeno tecnocultural também evidencia uma nova realidade para o jornalismo.

Desta forma, impõe-se o debate sobre a adaptação de conceitos do jornalismo à dinâmica tecnológica. Independentemente das questões econômico-políticas envolvidas, interpreta-se que, neste momento, essa necessidade de adaptação tornou-se uma questão de sobrevivência da profissão. O jornalismo pautado pelo aspecto político do interesse público foi neutralizado muito antes do atual contexto de convergência midiática, tratando-se de uma questão que extrapola os objetivos deste artigo. Assim, a presente reflexão passa a desenvolver-se a partir da seguinte proposição: utilizar elementos da narrativa do telejornalismo em outras áreas de conhecimento concerne ao interesse público de bem informar o sujeito contemporâneo, sem prejuízo aos aspectos éticos do jornalismo. Propõe-se a análise da narrativa do telejornalismo, mesmo que não esteja vinculado a uma empresa de mídia de massa. Compreende-se o telejornalismo como uma narrativa em si, constituindo-se como jornalismo em linguagem audiovisual.

Televisualidades do telejornalismo

Os manuais teóricos naturalizaram um conceito de telejornalismo vinculado ao contexto das grandes emissoras de TV, na medida em que supõem uma estrutura de empresa de mídia de massa: equipe de produção, grade de programação, programas jornalísticos, cobertura jornalística, equipe de repórteres, estúdios de TV, obtenção de concessão pública. Propõe-se a análise do telejornalismo desvinculado da estrutura de emissoras tradicionais de televisão. Entende-se que seja possível falar de conceitos desenvolvidos nas TVs, como produção e pesquisa, notícia, síntese, objetividade, linguagem audiovisual, apresentação, sem o vínculo com a mídia de massa. Desta forma, pode-se contribuir para formar um jornalista-sujeito contemporâneo transpassado pelo fluxo de informações, recebendo e repassando conteúdo, apto para trabalhar profissional e autonomamente nesse fluxo, dentro ou fora de um meio de comunicação hegemônico.

Nossa hipótese assinala a viabilidade de considerar o telejornalismo como jornalismo em linguagem audiovisual, articulado ao conceito de televisualidades, conforme proposto sucintamente por Fischer (2018, p. 1): “qualidades do televisivo que se atualizam em diversos meios e mídias”. Assume-se o telejornalismo como uma das matrizes das televisualidades, devido à sua importância para a história da televisão, para a estética televisiva e para a relevância social da TV. Kilpp discute a questão em termos das interfaces e das manifestações da TV no écran de quaisquer mídias, destacando que

Cada interface pode ser pensada como um dispositivo, e também como o limite entre dois sistemas, porquanto sua diversidade e ubiquidade liquefazem os sentidos antes sólidos que distinguiam a tela do teor da tela, o qual, no mais das vezes é um teor imagético. (KILPP, 2017, p. 4)

A autora ressalta a importância da discussão sobre o limiar dos sistemas de telas, sendo quase impossível definir seus limites exatos. São telas de TV, computador, dispositivos móveis, “cada uma veiculando uma multiplicidade fantástica de teores imagéticos” (KILPP, 2017, p. 5). Enfatiza ainda a dificuldade de apontar qual o regime visual prevalente em cada sistema, ancorando-se no conceito de televisualidades para capturar a essência fugaz das imagens que conformam o fluxo de informações.

Nas interfaces historicamente mais recentes pode-se dizer que quase sempre há televisualidades, porquanto sempre há nelas vestígios, traços ou lembranças da televisão, desde o próprio teor/tema veiculado até os formatos, as estéticas e as linguagens utilizados na construção dos conteúdos audiovisuais nelas veiculados. (KILPP, 2017, p. 5)

Nesse contexto, as *televisualidades do telejornalismo* surgem articuladas à proposta de Kilpp, que opta pela noção genérica de tela: “espaço da interface em que as narrativas audiovisuais se dão a ver e ouvir desenrolando-se” (KILPP, 2017, p. 2). Não é possível ou desejável enrijecer os conceitos ligados às televisualidades, pois os limites da televisão “estão se liquefazendo na intensa televisualização que assombra as múltiplas telas e interfaces hoje existentes relacionadas (ou não) à TV” (KILPP, 2017, p. 7). Mesmo assim, de acordo com nossa hipótese é possível apontar aspectos de telejornalismo na narrativa do televisivo, atendendo-se à convocação para “estudos que revisam teorias e métodos de pesquisa sobre televisão e televisualidades; e estudos relacionados à natureza tecnocultural, discursiva, ética e estética de produtos ou conteúdos televisuais” (KILPP, 2017, p. 7).

Diante do exposto, apresenta-se o conceito de *televisualidades do telejornalismo* com a seguinte redação: elementos de telejornalismo nas telas do fluxo contemporâneo de informações. Tendo em vista tratar-se de *jornalismo*, salienta-se a importância de considerar o “conteúdo” e o “teor/tema” (KILPP, 2017) no entendimento dessa televisualidade específica. A seguir, apresentam-se elementos da narrativa de telejornalismo a serem observados como *televisualidades do telejornalismo*, apoiados em Paternostro (2006) e Barbeiro e Lima (2002):

- Abertura / lead: notícia ou informação mais importante no início da narrativa;
- Apresentação: performance pessoal diante da câmera; competência para transmitir oralmente informação sintética, compreensível e crível;
- Atenção aos planos de enquadramento e à iluminação; qualidade de áudio e vídeo;
- Combinação de informação visual com informação auditiva;
- Edição: disposição de imagens e sons de forma lógica e objetiva;
- Elementos fundamentais da notícia: Quem? O que? Quando? Onde? Como? Por que?
- Expediente com créditos das pessoas envolvidas na produção;
- Interesse público: prioridade para a abordagem de temas relativos à qualidade de vida da maioria das pessoas;
- Linguagem coloquial;

-
- Linha editorial: definição de pautas referentes ao interesse do público;
 - Notícia: fato de interesse público com imagem;
 - Objetividade;
 - Periodicidade;
 - Produção e pesquisa;
 - Recursos visuais e gráficos;
 - Roteiro: texto com planejamento básico para ordenar sons e imagens;
 - Vinheta: composição de imagens e áudio para marcar abertura ou intervalo.

O canal de psicanálise Falando nIsso

Propõe-se uma pesquisa qualitativa sobre o “Canal Christian Dunker: Falando nIsso” no YouTube (DUNKER, 2016a)³. O criador do canal é Christian Ingo Lenz Dunker, psicanalista e professor titular do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. O *Falando nIsso* foi escolhido por constituir-se um fenômeno de audiência: são 231 mil inscritos, 12 milhões de visualizações e 427 vídeos⁴, números expressivos para um público formado majoritariamente por estudantes e profissionais de psicologia e psicanálise. Usando linguagem coloquial, Dunker aprofunda-se em assuntos que pressupõem um estudo prévio de psicanálise.

O objetivo da pesquisa é investigar a presença de *televisualidades do telejornalismo* no canal, visando à confirmação da relevância do conceito. Reitera-se que o ponto de vista analisado permanece o do sujeito transpassado pelo fluxo de informações. Para efeito de simplificação, usar-se-á simplesmente *Falando nIsso* para designar o canal de YouTube em análise.

Em sua descrição, o *Falando nIsso* apresenta-se: “o canal Christian Dunker é uma experiência de transmissão da psicanálise, aproveitando-se da grande interatividade que a internet consegue providenciar. Participe! Mande perguntas ao Falando nIsso! Diga que não entendeu quando estivermos Falando Daquilo!” (DUNKER, 2016a). Observa-se que o objetivo remete à formação dos sujeitos, ao pretender transmitir conhecimentos. No vídeo “O Falando nIsso é um vlog?” (DUNKER, 2020b), o psicanalista confirma a finalidade instrutiva, entre outros objetivos:

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/c/ChristianDunkerFalandoNisso/featured>

⁴ Dados referentes a consulta em 11 de outubro de 2020.

[A proposta do canal é] tentar levar uma experiência para vocês, compartilhar um saber, dividir jornadas, levantar críticas. [...] A ênfase, então, estaria em quê? Na experiência, na informação, se vocês acharem que este canal é mais, assim, de problematização ou de informação, de educação. (DUNKER, 2020b, 17'37")

A história do canal começa como parte de um processo educativo, uma vez que os primeiros vídeos foram postados em 2016, em uma série de 15 vídeos intitulada “Conceitos Fundamentais de Jacques Lacan”. São registros de aulas reais de Dunker. Seguindo a linha cronológica das publicações, encontra-se outra série com potencial pedagógico: “História da Psicanálise”, em que Dunker faz experimentações audiovisuais. Há outros vídeos com o objetivo de registro, como debates, seminários e *lives*.

Em 03 de fevereiro de 2016, publica-se o vídeo que parece ser o embrião da segunda fase do canal: “Opinião: Falando sobre Belo Monte”, no qual há trilha sonora, abertura, atenção ao cenário, áudio e iluminação. Infere-se que, naquele momento, o espaço passava de um repositório de vídeos para um canal com linha editorial e vídeos realizados especialmente para serem ali publicados. Logo depois, em 24 de fevereiro de 2016, surge o primeiro episódio do *Falando n'isso*: “Autismo e esquizofrenia são de nascença?”. A presente análise privilegia a produção iniciada nesse vídeo.

No vídeo “Apresentação do canal” (2016b), Dunker dirige-se mais diretamente a seu público, classificando o canal como “um experimento de discurso. É uma tentativa de responder essa condição colocada pelo Jacques Lacan [...] de que aquele psicanalista que não estiver à altura do horizonte da subjetividade da sua época, que se retire” (DUNKER, 2016b, 20"). O professor busca sintonizar-se a seu tempo, indicando que atualmente há outras maneiras de fazer universidade, ciência e cultura, diferentes das existentes nas épocas de Freud e de Lacan.

Além desses aspectos, Dunker cita outras finalidades para o canal: ensejar o debate público sobre psicanálise no Brasil; contatar alunos e ex-alunos; divulgar pesquisas e ampliar a comunidade de investigação; partilhar o bem simbólico desenvolvido na universidade brasileira; democratizar o saber universitário psicanalítico (DUNKER, 2016b). A partir dessas diretrizes gerais, principia-se uma análise mais detalhada, dividida entre aspectos de forma e conteúdo do canal.

Aspectos de “forma” do canal *Falando nIsso*

- Aparência: percebe-se a atenção às funções estéticas e pragmáticas do design. O logotipo em letras garrafais *Falando nIsso* sintetiza conceitos fundamentais da psicanálise (conforme explicação abaixo em “logotipo”). O quadro que identifica cada vídeo recebe uma imagem representativa de seu tema, revelando trabalho de pesquisa iconográfica para facilitar a identificação do assunto. A aparência geral é prática e informativa: o usuário não precisa ler os títulos em letras pequenas para achar um vídeo;

FIGURA 1: Tela inicial do canal *Falando nIsso*



Fonte: Canal Christian Dunker: *Falando Nisso* (2020)

- Apresentação de Christian Dunker: diante da câmera, o psicanalista demonstra desenvoltura, tranquilidade, eloquência e capacidade de improviso. O conhecimento acumulado como professor contribui para a oratória típica de comunicador;
- Áudio: excelente qualidade obtida a partir de microfones profissionais; permite a utilização de forma semelhante ao rádio: o sujeito pode escutar o conteúdo enquanto se dedica a outra atividade, como dirigir;
- Caracteres: utilizados para nomes de livros, expressões teóricas, termos importantes;
- Cenário 1 (*Falando nIsso*): sóbrio, organizado, não desvia a atenção que deve ser direcionada ao apresentador. Outros cenários: (2) relativo ao quadro *Desejo em Cena*, sobre aspectos psicanalíticos de filmes; (3) *Falando Daquilo* (temas introdutórios da psicanálise), parecido com o cenário 1, mas o apresentador senta-se em uma poltrona;
- Duração: em média, os vídeos do *Falando nIsso* duram de seis a dez minutos. Muitos ficam entre os dez e quinze minutos, mas alguns excedem essa faixa, chegando aos trinta

minutos (episódios 222 e 256). A duração variável atende a diversos perfis de interessados. Vídeos menores adequam-se a qualquer intervalo de tempo; vídeos maiores podem até ser utilizados por professores de psicologia como apoio em sala de aula;

- Enquadramento: plano médio, tripé fixo. O apresentador é mostrado em primeiro plano, atrás de uma mesa, com o fundo desfocado. Em algumas oportunidades, há variação para uma segunda câmera lateral;

FIGURA 2: Imagem padrão dos vídeos do canal *Falando nIsso*



Fonte: Canal Christian Dunker: Falando Nisso (2020)

- Iluminação excelente, mostrando objetivamente o rosto do apresentador;
- Logotipo: explicita a curiosa grafia *Falando nIsso*, que sintetiza elementos cruciais da psicanálise: o simbólico, a fala e o *Isso*. O logotipo remete à psicanálise, conhecida como método de “tratamento pela fala” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 603), e ao termo “Isso”, conceituado por Freud “como um conjunto de conteúdos de natureza pulsional e de ordem inconsciente” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 399). Assim, o símbolo inicial acusa todo o universo temático do canal;
- Periodicidade extremamente regular: 213 vídeos publicados em 2 anos ou 2 vídeos por semana, em média. É a mesma média semanal desde 2016;
- Playlists: são 55 listas de vídeos, divididas por temas: *Falando nIsso*, Desejo em Cena, Ciência e Psicanálise, Falando Daquilo, Teatro, Entrevistas e debates etc.;
- Títulos: sintéticos e objetivos para rápida identificação dos temas;
- Vinheta: elegante, baseada no logotipo do canal, apresentando o título do episódio.

Aspectos de “conteúdo” do canal *Falando nIsso*

- Conteúdo: compromisso com o aprofundamento dos temas e conceitos da psicanálise, os quais são abordados em linguagem coloquial, conforme exemplos abaixo, transcritos de vídeos do *Falando nIsso*:

a) Imaginário (Lacan):

[...] mania de imaginar que os outros são assim como a gente [...], e o que a gente entende por aquela palavra é também aquilo que os outros entendem por aquela palavra. [...] E, diante do que é estranho, reagimos com agressividade. (DUNKER, 2016c)

b) Objeto a (Lacan):

[...] é um núcleo que marca a desidentidade do sujeito, do desejo, do outro e do próprio gozo, conceito fundamental que junta a teoria das relações de objeto [...] com a teoria da pulsão; junta as exigências teóricas de Melanie Klein com as exigências clínicas de Anna Freud. Daí, o seu lugar realmente estratégico em toda a teorização lacaniana. (DUNKER, 2016d)

c) Neuroses:

[...] nos impedem e nos inibem de amar e trabalhar. Elas propõem para a gente uma forma de amor muito reduzida, excessivamente cheia de condicionais; covarde. Muitas vezes emburrecida, que não é capaz de colocar em primeiro lugar o desejo. O neurótico coloca em primeiro lugar o seu eu, o seu narcisismo, as suas defesas. (DUNKER, 2020a)

- Edição: simples, eficiente e sem erros. Tem a finalidade básica de manter a objetividade e eliminar trechos inadequados. Os cortes são secos;

- Equipe: Lucas Buli, Júlia Bulhões, Helena Dutt-Ross, Marco D'Angelo, Jack Freitas; arte: Caroline Mura; trilha sonora: Thommaz Kauffmann;

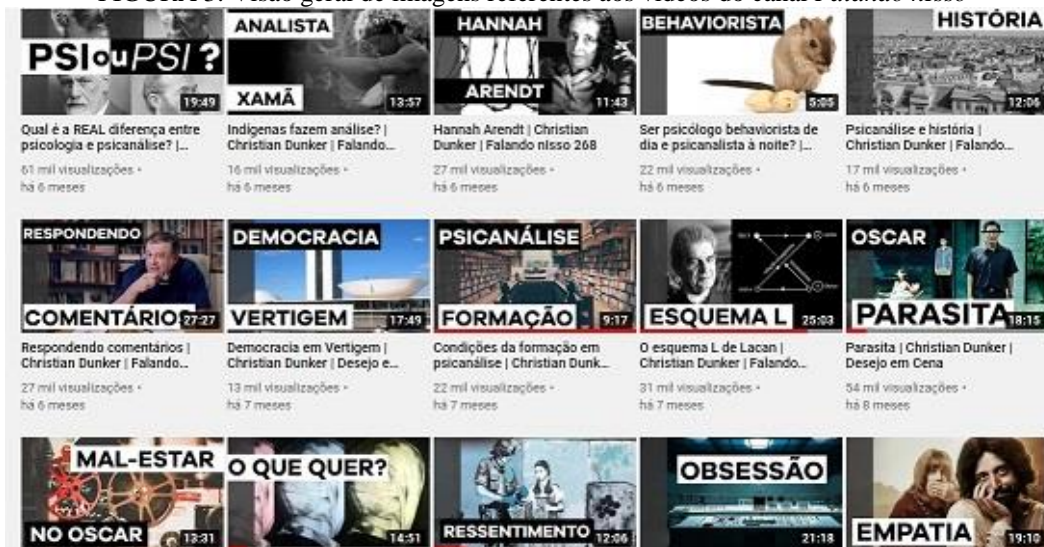
- Imagem: o apresentador à frente de uma mesa é a principal imagem do canal. Compreende-se como uma forma de linguagem que prioriza o conteúdo;

- Indicação de livros: Dunker indica bibliografia referente aos conceitos desenvolvidos.

Usam-se recursos gráficos como apoio;

- Linha editorial: pautas e linguagem audiovisual indicam o atendimento às demandas de transmitir a psicanálise, debater a psicanálise, divulgar pesquisas e sintonizar-se aos sujeitos contemporâneos, os quais apontam os temas a serem abordados no canal;
- Notícias: aparecem no contato com os espectadores que sugerem temas para os vídeos;
- Objetividade: a abordagem assertiva permite vídeos curtos;
- Pautas: baseadas em sugestões de espectadores. Um exame geral das imagens referentes aos vídeos revela a universalidade e a atualidade dos temas;

FIGURA 3: Visão geral de imagens referentes aos vídeos do canal *Falando nIsso*



Fonte: Canal Christian Dunker: Falando Nisso (2020)

- Produção: Dunker apresenta-se com um papel à sua frente, contendo informações e anotações para orientar o conteúdo, o que revela pesquisa prévia para organizar o vídeo e encadear ideias;
- Pós-produção: imagens e gráficos dão apoio ao conteúdo quando necessário;
- Títulos: extremamente concisos e assertivos para facilitar a pesquisa.

Considerações finais

Considera-se a credibilidade o motivo do sucesso do canal *Falando nIsso*. O público acredita na fidedignidade da informação; teria de ler várias obras para chegar às conclusões que Dunker transmite em poucos minutos. Erros de conteúdo não foram notados na presente pesquisa, seja na exposição do psicanalista ou em informações gráficas durante os episódios. Ao mesmo tempo, os vídeos têm qualidade e uma

coloquialidade que ajuda no entendimento dos conceitos. O canal apresenta constância em suas características, o que leva ao aumento da confiança do público. A linha editorial é sólida, baseada no diálogo: todos os episódios começam com uma questão enviada pelos espectadores. Esse diálogo mantém o canal ligado às questões contemporâneas.

Como resultado da pesquisa qualitativa, infere-se que o *Falando nIsso* possui as seguintes *televisualidades do telejornalismo*: periodicidade; linha editorial sólida, sintonizada ao interesse do público e às diretrizes iniciais do canal; linguagem audiovisual pragmática e objetiva que prioriza o conteúdo; capacidade comunicativa do apresentador; técnica de comunicação audiovisual; informações precisas; linguagem coloquial; temas atuais; produção; roteiro. Conclui-se que o conceito de *televisualidades do telejornalismo* tem relevância e que a atenção ao *conteúdo* é uma de suas especificidades.

REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de telejornalismo: os segredos da notícia na TV**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2002.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Canal Christian Dunker: Falando nIsso**. YouTube, 2016a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/c/ChristianDunkerFalandoNisso/featured>>. Acesso em: 09 out. 2020.

_____. **Apresentação do canal**. YouTube, 27 de março de 2016b. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=FBt9gxhtv_A&t=207s>. Acesso: 09 out. 2020.

_____. **Qual é a diferença entre o Real, o Simbólico e o Imaginário? Falando nIsso 13**. YouTube, 13 de abril de 2016c. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=aokkRvErfvM>>. Acesso em: 09 out. 2020.

_____. **O que é objeto a em Lacan? Falando nIsso 38**. YouTube, 17 de julho de 2016d. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=zGD5Z5LBDW8>>. Acesso em: 09 out. 2020.

_____. **É possível resolver todas as neuroses? Falando nIsso 279**. YouTube, 08 de julho de 2020a. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=iF8hVpdY-GE&t=173s>>. Acesso em: 09 out. 2020.

_____. **O Falando nIsso é um vlog? Falando nIsso 280**. YouTube, 17 de julho de 2020b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TFcesSXiAVg&t=2s>>. Acesso em: 09 out. 2020.

FISCHER, Gustavo Daudt. A interface é inapreensível? Apontamentos conceituais para pensar o televisivo. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 41, 2018, Joinville (SC). **Anais**. Joinville (SC): INTERCOM, 2018. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1064-1.pdf>>. Acesso em: 09 out. 2020.

KILPP, Suzana. Televisualidades em Interfaces Contemporâneas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 40, 2017, Curitiba. **Anais**. Curitiba: INTERCOM, 2017. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1170-1.pdf>>. Acesso: 09 out. 2020.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. 2. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise** – Dados eletrônicos. – Rio de Janeiro: Zahar, 1998.